



Trajetórias de vida e práticas jornalísticas afeitas à alteridade: a inclusão da subjetividade na subversão dos modos de objetivação do jornalismo

Marcia Veiga da Silva¹.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Resumo: Este artigo é parte dos movimentos exploratórios de pesquisa e sugere a reflexão acerca da subjetividade como parte relevante na constituição da identidade dos jornalistas e de práticas jornalísticas mais afeitas à alteridade. Analisando os relatos de Caco Barcellos e Eliane Brum há pistas de como suas trajetórias pessoais influenciaram suas práticas e ações de resistência aos modos de objetivação jornalística. Há indícios de um tipo de objetividade que rompe com o ideário positivista e assemelha-se à noção de objetividade localizada (HARAWAY, 1995). Para análise, inspira-se nas categorias que Manica (2010) descreve como “questões colocadas para uma etnografia da trajetória: o que é narrado, que relações são evidenciadas a partir dessas narrativas, como as associações estabelecidas com demais atores ao longo da narrativa podem elucidar processos sociais e alteridades”.

Palavras-chave: práticas jornalísticas; subjetividade; objetividade; alteridade; trajetória .

1. Introdução

Neste artigo discuto alguns caminhos percorridos na pesquisa de pós-doutorado intitulada *O nós e o Outro nas práticas jornalísticas de excelência: a história de vida de*

¹ Professora colaboradora e bolsista PNPd-CAPES no PPGCCOM Unisinos. Doutora em Comunicação e Informação pela UFRGS. E-mail: marciaveiga2005@gmail.com

*jornalistas reconhecido(a)s no Brasil como parte dos conhecimentos para o exercício da alteridade no Jornalismo*². O objetivo dessa pesquisa é conhecer práticas jornalísticas menos etnocêntricas, mais afeitas ao encontro com o Outro (em especial aqueles considerados à margem da sociedade) a partir da escuta da história de vida de jornalistas reconhecidos pelo desempenho destas práticas. No exercício reflexivo aqui proposto apresento o delineamento do estudo e trago alguns dados referentes a dois possíveis interlocutores de pesquisa no que se refere aos aspectos subjetivos-objetivos que circunscrevem suas identidades e práticas profissionais. Parto das narrativas autobiográficas proferidas pelos jornalistas Caco Barcellos e Eliane Brum em entrevistas concedidas, bem como expressas em seus livros de repórter³.

No escrutínio dos discursos há pistas de como suas posições de sujeito e trajetórias pessoais influenciaram nas ações de resistência e subversão aos modos de objetivação jornalística que historicamente interdita a subjetividade e vem transformando diferenças em desigualdade. Para este exercício analítico, inspirei-me nas categorias que Daniela Manica (2010) descreve como “questões colocadas para uma etnografia da trajetória: o que é narrado, que relações são evidenciadas a partir dessas narrativas, como as associações estabelecidas com demais atores ao longo da narrativa podem elucidar processos sociais e alteridades” (MANICA, 2010, p. 70). Início a discussão apresentando as origens e o delineamento da pesquisa em desenvolvimento. Num segundo momento, apresento fragmentos dos discursos dos repórteres em que são evidenciadas as conjunções entre as vivências pessoais e trajetórias profissionais que indicam a subjetividade como parte de um tipo de objetividade localizada (HARAWAY, 1995) constituidora destas práticas jornalísticas.

2. As origens da pesquisa

² Pesquisa de pós-doutorado em desenvolvimento (2015-2020) através da bolsa PNPd/CAPES junto ao PPGCOM- Unisinos sob supervisão da Profa. Dra. Beatriz Marocco.

³ Neste artigo trabalho com as entrevistas concedidas por estes jornalistas à pesquisa “Os controles discursivos”, coordenada por Beatriz Marocco, e realizadas respectivamente em março e julho de 2011, consultadas nos registros das decupagens. Também são consultadas as entrevistas concedidas por Caco ao programa Dráuzio Entrevista (<https://www.youtube.com/watch?v=IVTqB0rwHaw>, postado em fevereiro de 2017). “O olho da rua”, de Eliane Brum, prefaciado por Caco Barcellos, também é utilizado neste exercício.

Há alguns anos meus interesses de pesquisa se circunscrevem aos temas que relacionam Jornalismo e Cultura, numa perspectiva que privilegia as operações simbólicas que os interseccionam, a fim de pensar nas implicações sociais que resultam do entrelaçamento destes campos. O jornalismo como uma forma de conhecimento social (MEDITSCH, 1992), cujas práticas revelam uma intrínseca relação com os regimes de poder (FOUCAULT, 2012) e os modos como simbolicamente são (re)produzidos e circulam valores culturais, vem sendo um caminho importante para refletir não apenas sobre como se dão essas construções no âmbito das práticas jornalísticas, mas também nas possibilidades de construção de um jornalismo mais afeito a transformar do que reproduzir os sistemas de valores excludentes. No centro da produção das notícias, os jornalistas – membros de uma “tribo” (TRAQUINA, 2005) com valores culturais, profissionais e subjetivos – se destacam, pois são um dos caminhos por onde o simbólico se manifesta, por onde os fatos se transformam em notícias, contribuindo na construção da realidade, em especial pela predominância de uma condição mais conservadora do conhecimento jornalístico no encontro com o Outro e na narração da realidade. Para tanto, realizei pesquisas de inspiração etnográfica, com o uso da técnica da observação participante tanto junto aos profissionais no mercado (no mestrado), quanto no ensino do Jornalismo em âmbito universitário (no doutorado), com o propósito de perceber como os padrões normativos hegemônicos perpassam os processos produtivos das notícias, acionados como um tipo de conhecimento situado na bagagem cultural dos jornalistas.

No mestrado⁴, entre as principais conclusões, a pesquisa demonstrou que as convenções de gênero (classe, raça, sexualidade, etc.) dominantes são pervasivas dos valores culturais e visões de mundo presentes na subjetividade dos jornalistas, e como tal incidem nas estruturas organizacionais e hierárquicas da empresa e nas próprias notícias. Igualmente foi possível perceber os modos como o jornalismo está relacionado à reprodução de saberes selecionados por serem reconhecidos como podendo ou devendo

⁴ Pesquisa empírica realizada através do acompanhamento das rotinas produtivas de um programa telejornalístico de uma grande empresa de comunicação, ao longo de três meses, como parte do mestrado em Comunicação e Informação do PPGCOM-UFRGS, finalizada em 2010, que resultou na dissertação “Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias”, publicada em 2014, pela Editora Insular, como 8º volume da série Jornalismo a rigor.

dar lugar àquilo que uma sociedade considera digno de ser conhecido (LOURO, 1997) a partir dos regimes de poder e de saber vigentes.

A ligação entre cultura profissional, subjetividade e plano de valores da sociedade se desvelou. Os jornalistas apareceram caracteristicamente autorreferentes e pouco reflexivos sobre suas práticas, refletindo um etnocentrismo na maioria das vezes relacionado aos valores da cultura hegemônica vigente. A percepção da falta do exercício reflexivo sobre as práticas jornalísticas e sobre a alteridade no exercício da profissão demonstrou não apenas o quanto os jornalistas percebem e narram o mundo a partir das suas subjetividades (que inclui seus valores culturais, majoritariamente em consonância com os dominantes), dos lugares sociais que ocupam. Mas, também, a forma como os profissionais refletem ou rejeitam aquilo que possa ir de encontro às suas “verdades”, o que permeará os discursos jornalísticos na forma de notícias. O etnocentrismo desses profissionais revelou como eles mesmos podem, inconscientemente, contribuir para que a diferença seja transformada em desigualdade, uma vez que demonstraram pouca abertura para conhecer o “estranho” e, deste modo, praticaram juízo de valor que interfere na forma como as notícias serão construídas e, em última instância, nos modos como a sociedade passa a conhecer (ou desconhecer) aquilo que é diferente do que foi convencionalizado como normal (VEIGA DA SILVA, 2010).

No doutorado⁵ investiguei de que maneira a formação universitária dos jornalistas estaria ou não contribuindo para que os profissionais assumissem uma postura mais afeita ao encontro com Outro, tendo suas visões de mundo colocadas em perspectivas a partir da reflexão crítica a que se propõe o ambiente universitário. Interessava-me compreender o que e como os jornalistas (em formação e docentes) conhecem para tentar entender o que e como dão a conhecer na forma de notícias. Ao observar a formação, foram perceptíveis algumas das formas pelas quais a Universidade imprime suas marcas nos conhecimentos sociais dos jornalistas. A falta de reflexividade sobre a prática profissional e sobre o conjunto de valores sociais imiscuídos nos processos cogniti-

⁵ Pesquisa empírica realizada em duas Universidades Federais de dois diferentes estados brasileiros, com permanência de 02 meses em cada instituição, como parte do doutorado desenvolvido no âmbito do PPCOM-UFRGS, finalizado em 2015, que resultou na tese “Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade”.

vos não era prerrogativa apenas da produção do conhecimento jornalístico, mas foi percebida como uma característica observada nas instituições públicas de ensino superior pesquisadas. Entendi que essas limitações se davam a partir de três principais pontos conectivos entre Universidade e Jornalismo: os modelos paradigmáticos e epistemológicos dominantes nas práticas de ensino e nos saberes teóricos e práticos de profissão; a prevalência das racionalidades do sistema-mundo (capitalista, masculinista, racista, heterossexista, ocidentalista) (GROSFOGUEL, 2012) nas relações de poder e de saber no âmbito universitário; e a dificuldade da práxis sobre as ingerências destes modelos de pensamento hegemônicos nas atividades de construção do saber que envolvem as formas de conhecer do jornalismo sobre a realidade e a alteridade (VEIGA DA SILVA, 2015).

Em ambas as pesquisas, mestrado e doutorado, chamou a atenção o quanto os regimes de poder-saber permeiam as formas de conhecer do jornalismo, sendo pouco refletidos em relação às práticas discursivas e profissionais desempenhadas, seja no âmbito do mercado, seja na universidade. Havia pouco espaço para um exercício de práxis, como também eram turvadas as possibilidades de reflexão acerca do assujeitamento e dos elementos que obstaculizavam a tomada de consciência, em especial quando não questionadas no percurso de ensino e de exercício profissional. Entretanto, havia indícios de que, tanto no mercado quanto na academia, havia resistência. Ainda que os sistemas de valores e relações de poder hegemônicos predominassem nas interações observadas nas pesquisas e se refletissem nos discursos e nas práticas jornalísticas, pude perceber que alguns profissionais conseguiam não apenas refletir sobre suas práticas, mas sobretudo que essas práticas se diferenciavam no modo como a realidade era observada e descrita, abrindo margem para um melhor encontro de alteridades também nas narrativas sobre o Outro.

Esses indicativos também foram percebidos com a participação na pesquisa “O controle discursivo que toma forma e circula nas práticas jornalísticas⁶”, a partir do acompanhamento e da análise das entrevistas realizadas. Os depoimentos dos jornalistas indicavam que os modos de conceber e praticar a profissão, especialmente na produção

⁶ A pesquisa foi realizada no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, com apoio do CNPq, sob coordenação de Beatriz Marocco.

de narrativas menos etnocêntricas, estão relacionadas com a trajetória pessoal. Para além do aprendizado das práticas, obtidos na universidade ou no mercado, as histórias de vida de alguns profissionais são parte de seus discursos, principalmente quando dissertam sobre seus diferenciais e reconhecimentos na profissão. O encontro com diferentes atores sociais, instituições e vertentes de pensamento, para além do espaço formativo da universidade e do mercado, assim como os lugares de origem, foram delineando caminhos que não apenas constituíram o ser jornalista para esses profissionais, mas também serviram como diferenciais para o trato com alteridade.

A partir das pistas fornecidas por essas pesquisas, bem como pelas entrevistas acompanhadas no estudo desenvolvido por Beatriz Marocco, passei a ensejar uma nova perspectiva de olhar sobre essas práticas a partir do discurso e reflexão dos sujeitos sobre elas. Meu olhar se desloca agora para os profissionais a partir de suas histórias de vida, a fim de perceber de que forma as bagagens culturais subjetivas são permeadas por uma trajetória capaz de dar mostras de uma pedagogia do fazer jornalístico afeita ao encontro com o Outro. Há também o interesse em perceber como o conjunto de saberes culturais e institucionais foi sendo (re)elaborado a partir de suas posições de sujeito e percursos pessoais, criando brechas para um fazer jornalístico menos reprodutor dos sistemas de valores dominantes. Penso que possa-se encontrar caminhos para a elaboração de práticas pedagógicas que contribuam para que o jornalismo possa, mais amplamente, cumprir sua função social. Função está que vem sendo dificultada especialmente pela predominância de narrativas que tem servido para reproduzir e reafirmar os valores dominantes e excludentes, (re)produzindo estereótipos e estigmas a grupos historicamente vulnerabilizados em nossa sociedade.

Neste sentido, a pesquisa do pós-doutorado identificou jornalistas cuja trajetória profissional vem sendo marcada por práticas e narrativas que demonstrem capacidade de escuta, de alteridade e de trato com a diferença, que sejam reconhecidos por seus pares como exemplares no exercício da profissão. Uma região privilegiada para a análise da prática jornalística pode ser esboçada no “livro de repórter” (MAROCCO, 2011). O conceito de livro de repórter foi a base definidora do corpus desta pesquisa.

Nos livros de repórter, identificamos discursos sobre as práticas jornalísticas que retomam a possibilidade de “comentário”: são mais do que uma “opini-

ção” ou outro suporte para a reportagem, no caso, o livro. Estes materiais, à semelhança das teorias, geralmente se descolam da natureza institucional do jornalismo, e, igualmente, se descolam de um gênero endógeno, como o ombudsman. Às margens do jornalismo e de suas teorias, na medida em que reconhecem a existência de um texto primeiro, que já havia sido publicado nos jornais, ou está cristalizado nas teorias, materializam a experiência que havia sido sonhada nos jornais e incidem sobre as práticas jornalísticas (VEIGA DA SILVA, MAROCCO, 2018 p. 37).

Obras produzidas contemporaneamente por repórteres-autores foram esquadrihadas e, a partir destes, livros foram sendo delimitados possíveis interlocutores. Eliane Brum e Caco Barcellos são dois dos cinco repórteres-autores selecionados para integrar esta pesquisa. Tendo acompanhado as entrevistas feitas com eles presencialmente por ocasião da pesquisa de Marocco e através do levantamento da reflexividade dos autores e autoras sobre suas práticas nos livros de repórter, também venho acompanhando as entrevistas concedidas pelos mesmos em outros espaços. Para este artigo, selecionei fragmentos dos discursos autobiográficos presentes nestes livros e entrevistas.

3. Trajetórias do Eu na forja do olhar para a compreensão do Outro

A leitura dos livros de repórter de Caco Barcellos e Eliane Brum contribuiu para pensar como a reflexividade e a crítica das práticas jornalísticas são feitas pelos jornalistas. Aliada ao escrutínio das entrevistas, torna possível entrever pistas sobre a forja das identidades profissionais e do conjunto de saberes que orientam suas práticas, tomando a subjetividade, historicamente interdita nos modos de objetivação jornalística, como locus privilegiado para estas constituições e elaborações. Algumas destas pistas compartilho a partir de agora.

Caco Barcellos se encontra com a conterrânea gaúcha Eliane Brum na escrita do prefácio do livro da repórter, “O Olho da Rua”, experiência em que relata a admiração de longa data pela autora que, nos seus termos, é “escritora de uma obra imune ao tempo”, e cujos fundamentos sobre o jornalismo, com os quais concorda integralmente, até então eram para ele desconhecidos. No prefácio, Caco descreve passagens do livro que dizem muito sobre como os elementos subjetivos vão dando os contornos das práticas jornalísticas de Eliane entendidas como exemplares e responsáveis por subverter lógicas dominantes:

São práticas de conduta simples, mas simbolicamente corajosas por se oporem, nestes tempos, à corrente dominante nas redações brasileiras, reféns da arrogância e de maniqueísmos. [...] Os métodos rigorosos de pesquisa da autora representam, para meu entusiasmo, o avesso da dinâmica tecno-burocrática predominante. [...] Escrever como ato físico, “carnal”, com obstinada busca pela precisão das palavras, distribuídas como se fossem compor uma melodia, com ritmo e **sentimento**. Criar texto por música. Mas o melhor deste livro transcende a beleza das frases, o rigor do método, o valor dos fundamentos. **O que mais emociona é o olhar, a sensibilidade da autora para a descoberta de histórias de um “mundo em dissonância”.** **Eliane Brum vê grandeza até nos pequenos feitos de pessoas despercebidas**” (BARCELLOS in BRUM, 2017, p. 10-11)

Neste fragmento de pensamento entendo residirem alguns elementos que marcam o que venho compreendendo como subversão dos modos de objetivação jornalística a partir da emergência e valorização de elementos da subjetividade. Ao destacar a escrita da autora como um ato *físico, carnal* e ao atribuir o maior valor *ao olhar e à sensibilidade* da autora como instrumentos que qualificam suas práticas, Caco enfatiza princípios que dão conta de formas específicas de ver e de pensar em que a subjetividade – e não o tecnicismo e a razão cartesiana – se destaca como diferencial fundamental. São práticas capazes de romper com noções de mundo maniqueístas e de dar a dimensão complexa dos sujeitos e das diversas realidades, sem objetificar, nem reduzir.

A marca carnal de um Eu/sujeito que perpassa a identidade profissional de repórter, suas práticas e a relação com o Outro também é reconhecida pela própria Eliane: “Minha única certeza, talvez, é de que sou repórter. *Ser repórter é algo visceral, definitivo, do que sou. Algo que eu vivo com o corpo* [...]” (BRUM, 2017, p. 13, grifo meu). Reconhece em seu fazer o olhar como algo positivo e atuante no escrutínio das realidades que narra e, sobretudo, na relação deste Eu com o Outro: “**Meu ofício é encontrar o que torna a vida possível, a delicadeza nas horas brutas. É esse o mistério que me fascina. Para buscá-lo, escolhi meu farol: meu olhar que carrego pelos Brasis é aquele que reconhece no outro a fratura que já adivinhou em si mesmo**” (BRUM, 2017, p. 13, grifo meu).

O reconhecimento do Eu que enxerga o Outro parece ser fruto de uma intensa reflexividade que vai dando os contornos da forja da identidade profissional e das práticas destes repórteres. É nas memórias da infância, das diferentes interações e relações

vividas, que o desejo de escutar e contar histórias emerge, delineando o olhar e as sensibilidades que lhes constituem tanto como sujeitos quanto como profissionais:

Eu sou repórter há 23 anos. Então já refleti bastante sobre porque me tornei repórter, sobre o fazer jornalístico. Hoje eu consigo identificar que eu começo a me tornar jornalista, que eu vejo a profissão da gente como eu sou, uma contadora de histórias reais, como repórter. E que ser jornalista é ser historiador do cotidiano. [...] Comecei a me tornar jornalista quando eu era criança, porque eu sou de Ijuí, no interior do RS. Boa parte da minha família é da zona rural, são agricultores de um lugar chamado Barreiro. Desde pequena sempre fui uma escutadeira e uma olhadeira, nunca fui faladeira. Então eu sempre preferia, ao invés de ficar brincando, escutar os meus parentes mais velhos, o pessoal da comunidade. O meu tio tinha um bolicho que era o bolicho da comunidade, onde o pessoal jogava carta, comprava salame, tinha aquelas balas que só se encontrava lá. E eu ficava ouvindo histórias. Então eu acho que eu comecei a me tornar repórter lá. (Eliane, 2011)

Não tinha ninguém na família com atividade intelectual, não tinha nenhum escritor na família. Mas tinha grandes contadores de história. Trovadores. No sul isso é muito comum. O trovador é um contador de história acompanhado de um violão. Meu avô era carroceiro, e eu era o auxiliar dele, a gente vendia frutas pelo bairro. Meu avô e todos os filhos eram trovadores. Acho que a primeira noção de reportagem que eu tive, sem saber que era reportagem, era essa atividade dos trovadores. Eles saiam pelo bairro, observando as cenas que aconteciam, e eu observava junto, como auxiliar que era. E na hora da trova, geralmente final de semana, regado a caipirinha, eles começavam a contar as histórias. Eu ficava observando. Eu observava que eles contavam histórias que eram trágicas, e eles contavam com grande humor. Ou o contrário disso. E eu pensava: mas como é que pode? E reportagem é isso, o que você busca na rua é olhar, é o olhar dos outros. Acho que eu fui muito influenciado por eles, eu gostava de contar histórias. A minha mãe também é uma grande contadora de histórias. (Caco Barcellos, 20017)

A noção de contadores de histórias é comum a ambos. Vivenciando na infância as sociabilidades que envolviam parentes e a comunidade, seja no bolicho, seja na carroça ou nas trovas, resgatam essas passagens como parte do tornar-se jornalista – mais especificamente, repórteres. O gosto por contar histórias é permeado pelo desejo de conhecer lugares, pessoas. Pessoas que o jornalismo de então não costumava refletir:

Eu gostava muito de escrever. Quando eu era menino, tipo uns dez anos, eu tinha um cachorro viralata que era preguiçoso, passava o dia dormindo, Mas à noite, ele se ligava. Eu sou assim também. Eu saía com ele, para conhecer alguma coisa, pelo bairro, voltava e escrevia. (Caco Barcellos, 2017)

Eu sempre gostei muito de história, meu pai é historiador e sempre teve muita preocupação em contar a história da comunidade. A história da nossa família. A gente fazia as pequenas viagens da família e ele sempre ia contando histórias no caminho então eu cresci nesse mundo. Mas nunca pensei em ser jornalista, porque eu achava jornal uma coisa muito chata. Por que eu achava chato? Porque eu não encontrava gente, eu não encontrava aquelas histórias que eu gostava de ouvir. Era uma coisa que naquela época era árida para mim. Eu gostava de literatura (Eliane, 2011).

A relação da constituição da identidade profissional com a trajetória de vida evidencia-se o tempo todo. Perguntado por Dráuzio Varella sobre onde estava quando escreveu o livro “Rota 66”, Caco responde:

Eu estava na minha infância. Quando eu corria da polícia para evitar castigos. E alguns amigos também. Alguns amigos honestos, de famílias honestas, como era a minha, mas tinha também, evidentemente, meninos ladrões, e tal, que eram muito surrados, torturados alguns, dependendo da gravidade da si-

tução. E naquele tempo ali, eu corria pra fugir. Pra fugir de algum castigo. Naquele tempo eles deixavam a gente dentro da viatura pra pegar calor, sabe? Ou pra passar a noite, de castigo mesmo. Não exatamente dentro de um xadrez, mas ali em frente do delgado, sendo o tempo todo humilhado. E sabia, por amigos de infância, o quanto podia ser grave aquela situação. E também na família. Eu tive também um tio que foi torturado, se envolveu em confusões, e foi torturado. Então, era uma coisa que eu conhecia relativamente bem. Na minha infância, a garotada corria para evitar o castigo, uma surra, uma tortura. E hoje, como repórter, eu percebo que correm para evitar os tiros. Os tiros pelas costas. Os tiros na nuca. A situação tinha se tornado muito mais grave. E também por dever de ofício, acompanhando as histórias mais graves. Eu vi que tinha coisas jamais vistas na história da humanidade. Nunca tinha havido uma polícia que havia matado tanto. Era um volume muito grande, de 12 mil pessoas que eles haviam matado, quando eu decidi escrever. Eu tava em crise, já muito grave na profissão, achava que eu não deveria continuar repórter, e se essa cena acontecesse diante de mim, todos os dias. [...] Quando eu conseguia provar que tinha sido execução, que as pessoas estavam humilhadas, ajoelhadas, com as mãos na cabeça, assim, eles puniam o soldado, o que aperta o gatilho. Eu sabia já que era um sistema: o esquadrão da morte financiado pela sociedade brasileira. O estado brasileiro. Então, eu queria fazer uma denúncia contundente. (Caco, 2017)

Nas narrativas destes jornalistas percebo o quanto descrevem suas práticas jornalísticas sempre relacionadas com as dimensões que envolvem diretamente a subjetividade. Tanto a escuta quanto o olhar são instrumentos de apuração que pressupõem uma localização e uma limitação do sujeito pouco abordada nos manuais de redação e técnicas do jornalismo. Em oposição à noção positivista de objetividade impressa nestes manuais, o sujeito-repórter aparece na narrativa destes profissionais como elemento fundamental no processo cognitivo de interpretação da realidade – vastamente apagado da deontologia dominante. Percebe-se a possibilidade do rigor do método sem que a prática se restrinja ao cumprimento tecnicista e burocrático que, além de apagar o sujeito-repórter, muitas vezes se limita às fontes oficiais e à superfície dos acontecimentos. O corpo, a intuição, os sentires são parte intrínseca às práticas jornalísticas.

Perguntada por Marocco sobre a diferença na apuração das matérias de jornal, revista e também dos livros, Eliane Brum responde:

Como repórter, a gente tem dois instrumentos que são os mais importantes: que é o olhar e a escuta. Eu me coloco e me considero uma escutadeira da realidade. Hoje, inclusive, eu quase não faço perguntas. Claro, tem matérias e tem matérias, mas eu nos últimos anos comecei a perceber que as perguntas já são uma forma de controle. Então em geral quando eu consigo, chego para as pessoas e digo: “Me conta” e o que ela me conta primeiro e como ela me conta é uma informação importante que eu não saberia se eu tivesse feito a primeira pergunta. Porque a primeira pergunta já direciona. Mesmo a pergunta honesta ela já direciona, né? Tenho feito algumas experiências nesse sentido e tenho percebido como muda a apuração. Eu me coloco. Não sou daquele tipo de jornalista que acha que paira sobre a realidade, que está acima da realidade. Eu me considero o que eu sou, um ser histórico, inscrito na cultura, falho, portanto, e assim eu vou pra rua. Acho que o movimento do repórter como eu vejo é um movimento de tentar se esvaziar o máximo possível, claro que a gente nunca se esvazia por completo. Mas se esvaziar dos nossos preconceitos, das nossas visões de mundo, do nosso julgamento. A gente sempre tem que lembrar que jornalista não é juiz. E se deixar possuir pela história do outro. Ser preenchida pela história do outro. Se tu vais cheia, não tem como ser preenchida. (Eliane, 2011)

Ao perceber-se como sujeito que carrega em si visões de mundo, preconceitos e julgamentos que, se não percebidos e colocados em suspenso, interferirão na leitura do Outro, Eliane nos ensina o quanto a subjetividade está intrinsecamente relacionada nos procedimentos de interpretação da realidade. Há nesse relato ensinamentos sobre suas práticas, sua ética e sobre como um jornalista pode proceder para melhores encontros com as alteridades. E há também indicativos de como romper com os modos de objetivação jornalística. O mesmo pode-se perceber no discurso de Caco:

Hoje, no Profissão Repórter eu frequentemente lembro aos jovens repórteres um aprendizado. Talvez tenha sido o primeiro aprendizado da minha carreira. A importância do envolvimento com a história que você quer contar. Primeiro ter uma equipe aberta pra enxergar as pessoas com as suas diferenças, sem nenhum tipo de preconceito. O que a gente faz então, quando vamos às ruas e falamos com as pessoas? Pedimos o seguinte: por favor, invés de falar da sua história, por favor, mostre a sua história. Permita que a gente acompanhe a sua história. Por isso ficamos três, quatro meses às vezes atrás de uma história. É o tempo que precisamos para provar que tudo que foi dito é verdadeiro.(Caco, 2011)

Mais do que escrever eu gosto de conhecer pessoas novas, conhecer pessoas que eu já conheço há muito tempo, que é uma oportunidade maravilhosa que a gente tem de aprender com o outro, a todo instante, a todo momento. [...] toda pessoa tem uma grande história pra contar, depende de você usar esses instrumentos, os olhos, os ouvidos. Se tem alguma importância o nosso trabalho é em dar importância à história dos outros (Caco, 2017)

Nas narrativas de vida destes jornalistas algumas peças parecem se encaixar. Talvez não seja por acaso que a mesma repórter, Eliane Brum, que quando criança preferia ficar escutando as histórias do bolicho, seja a mesma que hoje se autodenomina uma escutadeira, e que ao produzir suas matérias não mais faz perguntas e apenas pede que as pessoas *contem suas histórias*. Tampouco seja coincidência que Caco Barcellos, que em sua infância pobre corria cada vez que a polícia subia o morro onde morava, seja o mesmo que se dedicou a fazer reportagens e livros sobre a polícia, sobre as favelas, sobre os modos de vida pouco dados a conhecer pelo jornalismo. E nos rastros de suas vivências, das narrativas do Eu pode-se encontrar pistas sobre melhores possibilidades de encontro com o Outro.

5. Algumas considerações

Através destes breves excertos que compõem os dados da pesquisa em andamento, trago alguns vestígios do que venho mapeando no sentido de compreender o que torna os interlocutores profissionais capazes de uma ação subversiva ao jornalismo hegemônico, que contribui para a transformação das diferenças em desigualdades. Há em

suas ações uma dimensão ética, fruto de uma permanente reflexividade, que resulta em práticas mais afeitas a alteridade.

A subjetividade (e todos os elementos relacionados, como as posições de sujeito, as visões de mundo, marcadores sociais, bagagens culturais, os sentidos, a emoção, a sensibilidade) ocupa as bases da hierarquia no jornalismo. Compreendida como alijada da objetivação jornalística, por não ser considerada prenhe da razão dualista e cartesiana, a subjetividade é suprimida não apenas na linguagem, que visa à impessoalidade no discurso jornalístico, com fins de assegurar neutralidade, totalidade e valor de verdade. É suprimida também nas reflexões críticas sobre as práticas. O apagamento do sujeito nas práticas e nos discursos jornalísticos hegemônicos é parte dos procedimentos adotados a partir de uma deontologia que se baseia predominantemente na noção positivista de objetividade que interfere na restrição da condição de reflexividade sobre a prática (VEIGA DA SILVA, 2015).

Um encontro com o Outro também pressupõe um encontro com o Eu, sempre em relação. E essa relação precisa ser compreendida no sentido de que o Outro é uma construção do Eu, mas se o Eu é alijado dos procedimentos, e parte-se do ideário de uma possível neutralidade, impede-se a condição de um exercício de alteridade. Impede-se também a condição de crítica, autocrítica e reflexividade sobre as próprias práticas, posto que igualmente envolve o reconhecimento da subjetividade nos processos cognitivos de objetivação do real. A compreensão da relação Eu/Outro contribui para a subversão dos modos de objetivação jornalística. Resgata a condição de agência e a responsabilidade social dos profissionais para o cerne de suas práticas. E, em última instância, potencializa a ruptura com o processo de reprodução de valores sociais dominantes nos processos simbólicos de leitura da realidade, que transforma diferenças em desigualdades a partir dos sentidos gerados nos jornalistas quando na condição etnocêntrica.

O reconhecimento da subjetividade como parte da objetivação do real remete à noção de objetividade feminista, definida por Donna Haraway: trata da “localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e objeto”, e “indica os modos como podemos nos tornar responsáveis por aquilo que aprendemos a ver” (Haraway, 1995, p. 21). Tal perspectiva sinaliza os significados possíveis a partir

de uma visão que se constitui a partir de sistemas de percepção ativos que constroem traduções, interpretações e modos específicos de ver. Por essa perspectiva, “a objetividade não diz respeito a desengajamento, trata de assumir riscos num mundo no qual nós somos permanentemente mortais, isto é, não detemos o controle final. Por último, não temos ideias claras e precisas” (Haraway, 1995, p. 41). Na esteira do pensamento de Haraway, as práticas de Eliane e Caco, parecem se circunscrever e sugerir caminhos para pensar melhores encontros com as alteridades.

Referências

BRUM, E. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Arquipélago, 2017

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: GRAAL, 2012

GROSGOUEL, R. Descolonizar as esquerdas ocidentalizadas: para além das esquerdas eurocêntricas rumo a uma esquerda transmoderna descolonial. **Contemporânea**, v.2, n.2, p. 337-362, 2012

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. **Cadernos Pagu**, v.5, n. 1, p. 7-41, 1995

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997

MANICA, D. Autobiografia, trajetória e etnografia: notas para uma Antropologia da Ciência. **Espaço Acadêmico**, v. 1, n. 105, p. 69-77, 2010

MAROCCO, B. (2011). Os “livros de repórteres”, o “comentário” e as práticas jornalísticas”. **Contracampo**, 22, pp. 116-129.

MEDITSCH, E. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992

TRAQUINA, N. **A tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Volume 2. Florianópolis: Insular, 2005

VEIGA DA SILVA, M. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias**. Florianópolis: Insular, 2014

VEIGA DA SILVA, M. Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade. Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre: UFRGS, 2015

VEIGA DA SILVA, M.; MAROCCO, B. O feminino no “livro de repórter”: uma mirada epistemológica de gênero sobre as práticas jornalísticas. **Braz. journal. res.**, v. 14, n. 1, p. 30-55, 2018.

Entrevista Caco Barcellos para Dráuzio Varella disponível em [HYPERLINK](#)

"<https://www.youtube.com/watch?v=IVTqB0rwHaw>"<https://www.youtube.com/watch?v=I>

[V](#)
[T](#)
[q](#)
[B](#)
[0](#)
[r](#)
[w](#)
[H](#)
[a](#)
[w](#)

p
o
s
t
a
d
o

e
m

0
2
/
2
0